

A última reunião mensal do Comitê de Estudos de Mercado (CEM), da Confederação Nacional das Seguradoras – CNseg, realizada na última semana de maio, avaliou o desempenho do setor segurador perante os diferentes ciclos econômicos, apresentou projeções da Superintendência de Estudos e Projetos (Suesp) de alguns indicadores macroeconômicos para o ano em cenários otimista ou pessimista e, também, tratou dos movimentos recentes das economias brasileira e mundial.

Na etapa do encontro, a Suesp apresentou um levantamento que confronta o desempenho do setor versus o PIB brasileiro a partir de 2011. A arrecadação do setor de seguros, entre 2011 e 2013, foi de 9,5% reais, ao passo que o PIB acumulado no mesmo período avançou 3%. De 2014 a 2016, o setor cresceu 3,5% por ano, ao passo que o PIB teve contração de 2,1%, na média. Entre 2017 e 2019, a taxa de crescimento do setor foi de 3,4% (e a do PIB no mesmo período de 1,5%). Por fim, em 2020, ano da pandemia, o setor de seguros experimentou queda real 1,5% na arrecadação, enquanto o PIB teve retração de 4,1%, ambos impactados pela pandemia.

No segmento de Saúde, foram apresentados dados sobre o comportamento de receitas e das indenizações desde 2011. O gráfico mostra uma tendência de gradual arrefecimento das contribuições aos planos a partir de 2014 (ano contra ano) até a recente recuperação ocorrida a partir do segundo semestre de 2020. Apresenta-se ainda o desempenho diferenciado entre as modalidade médico-hospitalar e planos odontológicos, com taxas de crescimento anual de, respectivamente, 1,2% e 4,7% no número de beneficiários na comparação entre dezembro de 2020 e mesmo mês de 2019.

Sobre o seguro Rural, foi constatado que a movimentação deste ramo cresceu 572% entre 2010 e 2020. A taxa é muito superior à expansão apresentada pelo PIB agropecuário, de 175% nominais no mesmo período. Dessa forma, a penetração do seguro Rural no PIB Agropecuário (Arrecadação/PIB), mais que dobrou, passando de 0,6% para 1,6% no período.

Os economistas Luiz Roberto Cunha e Pedro Simões, ambos integrantes do CEM, se revezaram na parte destinada à apresentação das projeções dos indicadores, dependendo do cenário macroeconômico que prevalecerá. No quadro otimista, os economistas esperam um crescimento maior da economia, com a superação (mesmo que parcial) de problemas que fazem o câmbio estar tão depreciado no Brasil. Projetam o IPCA mais alto por estar muito mais ligado à demanda e juros mais elevados como nos dois cenários (pessimista ou otimista) como “normalização” da política monetária. No cenário pessimista, o câmbio permanece mais alto, pressionando IGP-M (por meio do IPA).

Dessa forma, o PIB real, por exemplo, em um quadro pessimista, pode crescer 2,95% ou avançar para 4,08% neste ano, em um cenário otimista. O PIB indústria real, uma variação de 2% (pessimista) a 5,10%(otimista). A Selic oscilar de 4,75% a 6,25%. Já o IGP-M pode subir 21,02% em um cenário pessimista, ou 12,50%, em um quadro macro mais positivo.

O balanço mais recente da economia foi também avaliado. Os dois economistas concluíram que a segunda onda da Covid-19 – apesar de mais intensa que a primeira – afetou de maneira menos severa a atividade econômica. Há menor elasticidade entre mobilidade e PIB. Segundo eles, os Serviços se beneficiam com a reabertura e demanda “reprimida”, além do gasto da poupança precaucional acumulada pelas classes médias e altas ao longo do ano passado. Também a Indústria se beneficia do aumento da demanda por bens industriais, mas, na margem, tem sofrido por conta de aumento de preços ou mesmo escassez de insumos, citando como exemplo os semicondutores para produção de automóveis. Já o Comércio, beneficiado durante a fase mais aguda da pandemia-enfrenta um período de ressaca, com o deslocamento dos gastos para serviços.

No plano global, as preocupações com a inflação continuam presentes. Constata-se que revisões no ritmo da atividade são acompanhadas de elevações nas projeções de inflação, como maior pressão sobre os preços administrados e de bens industriais, além das já conhecidas pressões nos

preços das commodities, exacerbadas no Brasil pelo câmbio. Logo, a recuperação rápida da economia mundial aumentou a demanda mundial por bens, mas já há restrições de oferta para alguns produtos, pressionando também preços de bens industriais.

Fonte: CNseg, em 10.06.2021